



FIO DAS MOIRAS: tecendo uma Ecologia da Rua

Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes¹

Fabício Sampaio²

Márton Tamas Gémes³

RESUMO

Este trabalho discute questões relacionadas ao meio ambiente, saúde, educação e trabalho a partir de processos de limpeza e cuidado da cidade de Sobral/CE. É uma pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica do cotidiano da Mulher Gari. E, aborda fundamentalmente uma Ecologia da Rua inscrita nos liames de práticas ecológicas, culturais, laborais e de experiências reveladas no trabalho, em corpos, saúde e nos saberes produzidos pela da Mulher trabalhadora gari do setor de limpeza pública. Tem como objetivo compreender, a partir de uma abordagem etnográfica, como as mulheres garis processam as estratégias de cuidar da cidade e da vida na esfera do trabalho cotidiano que dimensiona atividades de limpeza, ao ato de cuidar da rua, da cidade, da praça e do “mundo”. E, neste sentido, esta prática se constitui de saber que educa e produz sustentabilidade e mudanças na qualidade de vida dos cidadãos do planeta.

Palavras-chave: Meio Ambiente, Mulher Gari, Saúde, Educação

INTRODUÇÃO

No atual contexto da pós-modernidade, as relações socioambientais são constituídas de processos, de lutas e enfrentamentos às estruturas cíclicas de muitas crises instauradas no bojo de práticas extrativistas, perversas, insanas e predadoras. Convêm apontar que o meio ambiente é uma cadeia/fonte de recursos ambientais reestruturados a partir da ação humana em diversos aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos. No atual contexto social, o discurso da sustentabilidade é muito propagado. No entanto, este discurso está longe de ser amparado em práticas e exercícios do cuidado, uma vez que, para o sistema econômico neoliberal o capital sobrevive a partir de enforcements de lutas pelas demandas sociais, educativas, políticas e ambientais que exigem transformações e nas variadas formas de viver no planeta. É salutar uma retomada de consciência histórica e humanamente ecológica que

¹ Doutora em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRN, ivaldinetedelmiro@gmail.com;

² Doutor em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRN, fabricao.sampaio@ifma.edu.br;

³ Doutor em Romanistik pela Universität zu Köln / Alemanha, mgemes@hotmail.com.



possibilite o rompimento total deste modelo desumano, perverso e consumista da natureza.

Esta pesquisa é fruto de uma análise antropológica de experiências, fazeres e saberes ecológicos, sociais e educativos modelados a partir de dificuldades, sofrimentos, afetos, resiliências de um grupo de dez mulheres trabalhadoras garis. Nela buscou-se compreender como as práticas cotidianas que são materializadas através da ação ecológica de limpeza, do cuidado com as ruas, praças em urbanos/espços públicos e com questões ambientais são configuradas em um contexto histórico de miséria, degradação e exploração da mulher de baixa renda da cidade de Sobral?CE.

Assim além de realizar um enfoque que privilegia as esferas do trabalho, gênero e saúde a partir do ambiente de trabalho, incluiu-se também, nessa proposta, analisar como as mulheres garis elaboram e acionam estratégias, projetos, modos de cuidar de si e do outro, no sentido de buscar soluções e alternativas para os problemas que afetam o “local” em diversos aspectos: ecológicos, sanitários, políticos, sociais e culturais. Pois a proposta desta investigação é contribuir para o questionamento e o debate sobre a lógica dos estudos de gênero, do ecofeminismo e meio ambiente, além de realizar um debate acerca (da ausência) de estudos relacionados ao cotidiano da mulher gari.

Desta perspectiva, é importante ressaltar como o processo de trabalho gera aspectos fundamentais na constituição e composição das dinâmicas e organização de vida da mulher trabalhadora no Brasil. Destaca-se que a vida da mulher trabalhadora é organizada a partir das exigências do campo profissional, no qual gera sofrimento físico, sofrimento psíquico para as mulheres, além de impor, de certa forma, um modo de vida e de saúde da mulher trabalhadora gari responsável direta pela da limpeza do ambiente público.

Essas exigências do campo profissional assumem um caráter impositivo e coercitivo que modela e na maioria das vezes, controla e prendem os indivíduos as variadas formas de submissão social. De acordo com Berger (1986, p.136): “A sociedade não só controla nossos movimentos, como ainda dá forma a nossa identidade, nosso pensamento e nossas emoções. Ela nos penetra tanto que nos envolve. Às vezes, realmente, somos esmagados e subjugados.”(BERGER, 1986, 136)



Nestes aspectos, o processo de socialização é reproduzido através da interação e práticas de atores sociais através de instituições no mundo social. Partindo desse pressuposto, a ambientação do espaço de trabalho da mulher Gari é visto como uma modalidade de manifestação do sofrimento, do cansaço e de outras peculiaridades, relacionadas às condições de trabalho. Conforme observamos durante visitas ao campo, a vida da mulher gari é dura. Em várias situações, os procedimentos ou métodos para execução do trabalho é estressante, e geralmente é controlado pelos chefes/ou fiscais e a rotina submetia-lhe às mais diversas formas de humilhação, como por exemplo, o fato de não ter o lugar para tomar água, para cuidar de sua higiene e não ter banheiros destinados ao uso diário necessário. Essas mulheres submetem-se às humilhações pelo medo de perder o emprego, e ficarem sujeitas as condições de miserabilidade impostas pelo sistema excludente. Na cotidianidade do trabalho a insalubridade marca a vida da mulher gari. O corpo anuncia a fadiga de jornadas pesadas. O sofrimento é prolongado quando a trabalhadora precisa usar o banheiro. Chama-se atenção na fala dessa trabalhadora gari:

“Eu não queria ter que pedir para usar o banheiro de alguém, pois acho que deveria ter um em cada lugar que trabalhamos. Às vezes fico sem jeito de entrar em determinados locais para usar o banheiro. Isso é o que acho mais insuportável, ficar sem poder usar o banheiro. Sinto falta de apoio de muitas pessoas”. (Teresa, 38 anos, casada).

Nesta reflexão, quando estava no campo da pesquisa, eu pude perceber que é no tempo social, no ambiental geofísico e cultural onde se desdobra o estilo de vida da mulher gari. Este estilo é recheado de um fazer sofrido e de uma aprendizagem tecida nas esferas do cotidiano do trabalho, da educação, da saúde, do corpo, do consumo e do cuidar do meio ambiente. Pois, estas mulheres gari elaboram, vivenciam e reelaboram as representações privilegiando as esferas de significações que constituem modelam os estigmas, suas identidades, experiências, possibilidades, lutas e os desdobramentos da vida cotidiana.

As mulheres gari criam e recriam saberes na sustentabilidade a partir de um fazer ecológico, do trabalho cotidiano quase invisível (ou muito invisibilizado) de limpeza da cidade. Vejo que esta atividade transforma o ambiente. Ainda vejo como uma premissa do cuidado de si e do cuidado como o Outro. Para Leff (2020) “a sustentabilidade é uma maneira de repensar a produção e o processo econômico, de abrir fluxo do tempo a partir da reconfiguração das identidades, rompendo o cerco do



mundo e o fechamento da história impostos pela globalização econômica.” (LEFF, 2010, p 31)

Diante disso, fica evidente que a atividade laboral da limpeza pública é feito por um grupo de mulheres que cuida de Sobral/CE como se estivesse cuidando da própria vida planetária. Por todos os lados, se observa uma configuração do agir e do cuidado com o outro. É fundamental compreender que a mulher gari labutando para deixar a cidade limpa (nas ruas e becos, mercado, avenidas e bairros, abrigos de metrô e outros espaços públicos. Esse cuidado marca profundamente na qualidade de vida das pessoas, que aprendem e usufrui de uma cidade bem cuidada. Aqui eu considero relevante explicitar que:

A sociedade capitalista após o advento da revolução industrial no meados do Século XVIII, com o incremento das forças produtivas e o desenvolvimento da era tecnológica no Século XX e XXI, tornou-se a responsável pela produção de uma quantidade exorbitante de lixo, materiais recicláveis e resíduos industriais e orgânicos que são mal aproveitados e todos os dias despejados nas periferias das cidades brasileiras. Nos últimos anos este fenômeno só se agrava, causando sérios problemas para a população e para o meio ambiente. Hoje se percebe que é necessário um processo educativo que proponha uma educação ambiental com base em práticas e saberes sustentáveis baseada em uma ecologia da vida e pela ética do cuidado, pela reciclagem, de materiais orgânicos, químicos e biológicos.

Na trilha da pesquisa fui ouvir e observar, conversar e conviver com as mulheres trabalhadoras garis. No sentido de perceber as experiências de labor mergulhei no campo, ou melhor, fui parar na rua. Durante a pesquisa, o ato de caminhar, ocupar e observar a rua foi um processo de aproximação com as protagonistas deste estudo. A rua é um espaço público, lugar de trabalho desses sujeitos sociais. Ao reconhecer que tal espaço tem implicações diretas nas atividades de limpeza e nas representações de tais atividades, cumpre-se desde já apontar ao leitor o conceito de espaço profano que adquire uma significação na análise de Arrais (2004:11) como aquele espaço não cristalizado, ou seja, este espaço aparece como parte constitutiva da dinâmica das relações sociais entre as pessoas que por sua vez, constroem e reconstroem os lugares em múltiplos interesses e vontades.



No espaço da rua pude observar o conjunto de práticas, ações e vivência que auxiliou diretamente na análise desta proposta. Ciente disso, eu construí processos e estratégias de relações no convívio diário (de acordo com o horário de trabalho) com as mulheres garis, tomando, porém o cuidado para não alterar ou atrapalhar o ritmo de trabalho delas. Esse convívio ocorreu nas ruas, ambiente do processo de trabalho e de interação com as mulheres pesquisadas. Foi assim, que eu direcionei minha pesquisa para este espaço ecológico e educativo de subjetividade, encontros e afetivos.

METODOLOGIA

Para compreender e investigar esta hipótese foi realizado o estudo etnográfico e a observação participante. No processo de pesquisa se fará a observação das atividades de limpeza, realizadas diariamente pelas mulheres garis que vivem expostas a agentes insalubres que são lançados no lixo da cidade. As mulheres trabalhadoras garis passam uma boa parte do tempo de trabalho no manuseio e no contato direto com o lixo urbano.

É bom ressaltar da importância que é dada à situação vivenciada no ambiente de trabalho de varrição, a rua. Retenho a preocupação de descrever os aspectos desse espaço, pois nas entrevistas foram feitas neste espaço de interação, convívio e amizade estabelecida entre as mulheres gari. É notório lembrar que o trabalho de campo requer uma sensibilidade da pesquisadora, uma vez que esta técnica remete seus participantes a ter um envolvimento nas experiências culturais dos grupos estudados.

Este envolvimento é moldado pela prática e pela interpretação intersubjetiva dessa experiência de campo. Na cidade de Sobral, eu realizei a observação e fiz o mapeamento das estratégias e táticas das garis, também pude perceber a articulação que há entre o mundo do trabalho e as demais redes de relações sociais que dimensionam o cotidiano das trabalhadoras gari e demais sujeitos sociais. É notório lembrar que, eu privilegiei a observação participante porque “serve como uma forma para o contínuo vaivém entre o interior e o exterior dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, através de empatia; do outro, dá um passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos”. Clifford (2008, p.33).

É bom lembrar que para Oliveira (1998), que não se pode fazer uma pesquisa de campo olhando apenas o cotidiano estudado, e formar uma ideia própria de como essa sociedade vive. Pois é, sobretudo, no contato mais próximo e, principalmente, no ouvir o



outro que se conseguem informações preciosas para a investigação. Neste sentido, pude elaborar uma configuração do grupo para análise. Os dados e narrativas emergiram a partir de relatos e entrevistas diretas e abertas com as mulheres garis. O grupo foi constituído exclusivamente por dez mulheres trabalhadoras garis que residem na cidade de Sobral. Era composto de mulheres de classe baixa, com idade entre vinte até quarenta anos, que são estigmatizadas, pois são egressas de classes populares, de cor e etnia negra e descendentes indígenas, todas possuem um baixo nível de escolaridade, além de que tiveram pouca ou nenhuma oportunidade anterior de empregos remunerados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na construção desta pesquisa abordei acerca da dimensão da vida, família, saúde e trabalho, também foi analisadas algumas das relações sociais, afetivas e familiares e outras experiências vividas pelas mulheres garis, com a preocupação de compreender as estratégias de vida através da perspectiva do cuidar de si e do outro a partir da limpeza. Foi realizado o acompanhamento de algumas atividades e ações realizadas em diversos espaços da cidade de Sobral/CE.

Vejo que existe um conceito nativo para cada território de pertença, o lugar de buscar a cura, minimizar as crises, reduzir o sofrimento, de acolhimento, de diálogo de proporcionar uma qualidade de vida, ou seja, o espaço social e simbólico. A família, a casa, o lugar de acolhimento. O ordinário e o extraordinário. A rua local perigoso, de movimento sem referência, as brechas são as referências simbólicas.

A casa o lugar de afeto, de aconchego, o local da limpeza. O lugar da não violação, do sagrado e quando este espaço é violado por alguém este é colocado na rua. A janela e a porta é o espaço entre a casa e a rua. (DAMATTA, 1978, p: 56/57). Este autor ainda fala que a rua é o lugar do drama propício para as desgraças e roubos, local onde as pessoas não têm identidade nem cidadania e podem ser confundidas como indigente. É o local da liminaridade. (IBID, 1978, p. 59).

Na visita de campo teve o encontro na casa. O momento belo de registro das práticas de trabalho, atividades, de vida familiar, socialização, práticas do cuidado de si, de alimentação, práticas de lazer e de afetividade desempenhadas pelas mulheres garis, no sentido de interpretar as dimensões e dinâmicas do agir humano. Esta etapa foi uma



experiência fascinante, cheia de angústias e complexa. Sobre o trabalho de campo com “grupos subalternizados” comenta esta autora:

Apesar da diversidade destas experiências alguns pontos parecem recorrentes na maior parte dos trabalhos: a angústia decorrente do contato com o “outro”, a problemática da “sedução” mútua no trabalho de campo, a preocupação com o “mito do antropólogo assexuado” que parece mais presente no relato das antropólogas, as complexas relações de poder que se estabelecem entre “nativos” e pesquisador, a dimensão política do trabalho do antropólogo em contato com grupos “marginalizados”, e as ambiguidades dilacerantes com as quais os pesquisadores se defrontam no momento de “escrever sobre os outros”. (GROSSI, 1992, p. 43).

Além do campo empírico, a pesquisa documental foi feita a partir da análise de textos e documentos existentes na Prefeitura e outros espaços (CEREST, SEMA,) que foram manipulados com o devido cuidado, como: documentos e pastas de arquivos públicos, os documentos das empresas privadas que atuam na limpeza urbana, relatórios de pesquisa, fotografias, jornais, filmes e outros.

Durante a pesquisa foi realizada relatos orais e entrevistas com 10 mulheres garis que trabalham no centro da cidade de Sobral nos seguintes turnos: o turno matinal começa a partir de 07h00min horas e vai até as 11h00min, com uma pausa para o almoço. Retorna às 14h00min horas e termina 17h00min horas e o último turno é 17h00min horas até as 21h00min. E, ainda quando for necessário, realizarei entrevistas com alguns indivíduos (chefes, maridos, colegas de trabalho, médicos, enfermeiras, namorados e filhos) que participam diretamente do cotidiano dessas agentes.

Compreender o modo de vida da mulher gari é penetrar no contexto físico, ambiental, social, afetivo e simbólico das mulheres das classes populares, é buscar identificar a experiência de classe traduzida em uma linguagem dos gestos e ações produzidos nos rituais da vida. É buscar compreender sobre as estratégias coletivas de defesas contra o sofrimento provocado pelo trabalho. O pesquisador francês Dejours (2002) afirmava que no mundo do trabalho existem os processos coletivos de defesa contra o sofrimento:

A psicodinâmica do trabalho descobriu também a existências de estratégias coletivas de defesas, que são estratégias construídas coletivamente. Se, mesmo nesse caso, a vivência do sofrimento permanece fundamentalmente singular, as defesas podem ser objeto de cooperação. As estratégias coletivas de defesas contribuem de maneira decisiva para a coesão do coletivo de trabalho, pois trabalhar é não apenas ter uma atividade, mas também viver a experiências da pressão, viver em comum, enfrentar a resistência do real, construir o sentido do trabalho, da situação de sofrimento. (2002, p: 103).



O estudo deste autor aponta para a análise da pressão e sofrimento no mundo do trabalho, tanto nos aspectos relacionados às mulheres no processo de exploração e subjugação permanente, tornando-a um elemento que carrega os vários significados: sociais, raciais, de gênero, de classe e simbólicos no processo da construção cultural; como nos aspectos da dinamicidade da vida social e de suas expectativas.

Dessa forma, a justificativa de escolher esta temática para desenvolver esta pesquisa segue um interesse de prosseguir os estudos relacionados às mulheres trabalhadoras. Percebeu-se que a quantidade de pesquisas realizadas sobre a trabalhadora da limpeza urbana é reduzida, sobretudo em termos relativos, se comparada com a quantidade de pesquisas sobre a mulher no mercado de trabalho a nível local e nacional. Acredita-se que esse desinteresse é respaldado no processo da invisibilização da mão de obra feminina e da desvalorização sócio e econômica desse tipo de atividade no contexto do mundo moderno.

Não obstante, a mulher gari, no sistema classificatório dominante, é percebida, na maioria das vezes, como um ser abjeto, suscetível de ser suja, porca, podre, fedida, desdentada, pobre, doente, mal cheirosa. Pois, muitas vezes, quem a observa lhe confunde com as condições de insalubridade do ambiente e as condições desse mundo do trabalho que ela está relacionada. Enfatiza-se aqui que a trabalhadora foi exposta e engolida pelo seu trabalho, sendo assim, a gari é representada e identificada no processo de sua relação imediata com o produto de seu trabalho. O que realiza é um processo importante e deveria se reconhecida como gerente ecológica do ambiente. Leff diz que

O ambiente está integrado por processos, tanto de ordem física como social, dominados e excluídos pela racionalidade econômica dominante: a natureza super explorada e a degradação socioambiental, a perda de diversidade biológica e cultural, a pobreza associada à destruição do patrimônio de recursos dos povos e a dissolução de suas identidades étnicas; a distribuição desigual dos custos ecológicos do crescimento e a deterioração da qualidade de vida.

Seu corpo é visto como abjeto, ou como um produto de manipulação política e, às vezes, torna-se uma espécie de máquina coletora. Como observa este autor: O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. (FOUCAUL, 1997, p.165).



Outra característica do grupo é o fato de serem (algumas) mães e responsáveis diretas pelo sustento da casa. O que configura o grupo é o ambiente de trabalho e o ambiente familiar, pois o modo de vida dessas mulheres gari está diretamente relacionado com a função desempenhada no campo profissional. De fato, entre os sujeitos desta pesquisa constitui fator diferenciador as esferas de: gênero, classe, qualidade de vida, etnia e as relações de trabalho que demarcam e acentuam estas diferenças em relação aos demais processos sociais construídos na sociedade brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a pesquisa realizada na rua, eu pude perceber que a gari desempenham uma alta cota no processo de cuidar do planeta. Observei que a maioria da limpeza (varrer e coletar o lixo) das ruas do Centro da cidade de Sobral, principalmente nas praças e becos é uma atividade realizada cotidianamente por mulheres. Enquanto que, a coleta dos resíduos sólidos e outros materiais que são realizadas nos espaços periféricos, bairros, becos e nos distritos são os trabalhadores que fazem esse serviço de limpeza. Este fato apontou claramente para uma divisão de trabalho no processo de limpeza da cidade. Aqui é notável analisar que estas dificuldades e dilemas que permeiam o modelo desgastante e perverso do mundo do trabalho é produto de um saber racional e hierarquizante. Leff tem uma abordagem que contrapõe este modelo quando nos remete ao olhar holístico do saber ambiental

O saber ambiental impulsionou novas aproximações holísticas e a busca de métodos interdisciplinares capazes de integrar a percepção fracionada da realidade que nos legou o desenvolvimento das ciências modernas. A interdisciplinaridade proposta pelo saber ambiental requer a integração de processos naturais e sociais de ordens diferentes de materialidade e esferas de racionalidade. (LEFF, 2002, p165).

E, com esta perspectiva, eu pude compreender nas experiências vividas pelas mulheres gari, a preocupação de criar estratégias de vida através da perspectiva do cuidar de si e do outro. A vida da mulher gari é organizada a partir da precarização no campo profissional, que gera sofrimento físico e psíquico e acentua o processo de desigualdade, invisibilidade e mal-estar social. Nesta pesquisa, pude entender que o processo de compreensão da realidade humana e não humana deve ser feita a partir de uma visão dialógica, híbrida e complexa. Neste sentido, observei que a ação do saber



cuidar como prática de trabalho da mulher Gari está diretamente conectada aos demais fenômenos e saberes que envolvem as atividades de limpeza das ruas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir afirmo que a preocupação com a temática teve caráter pessoal e político. Pois, evidencia que o problema de pesquisa levantado aqui foi gerado no âmbito da história do agir humano, nas dimensões utópicas de um fazer ecológico, na dimensão poética, política educativa da denuncia.

É bom lembrar que, investigar o meio ambiente a partir do agir humano é uma tarefa complexa e continua que nos leva inventar as estratégias, as táticas discursivas construídas cotidianamente no exercício da relação dialógica de campos de novos saberes: políticos, sociais, laborais, educacionais, de gênero, cuidado e cidadania. Enfim, esta pesquisa é para mim, uma rede de pensamentos complexos recheada do fazer e do saber redefinidos a partir do encontro biosocioafetivo entre eu e o Outro que fala, que cuida, que ama e tece os fios ecológicos da vida nos abismos gerados pela degradação do mundo. Daí delinea-se o trabalho acadêmico. Pode-se afirmar que este trabalho é um caminho que enuncia a luta e o esforço permanente do fazer ciência. E finalmente enfatizo que esta pesquisa cujo desenrolar faz-se graças ao meu interesse de compreender o universo da mulher gari que tece a cada dia fios ecológicos nas redes do cotidiano da cidade de Sobral-Ce.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as Mulheres gari de Sobral, pois elas promovem uma Educação Ambiental na Ecologia da rua através de seu trabalho de varrição e cuidado. E a todas que preservam a arte de cuidar do mundo.

REFERÊNCIAS.

AGABEN, Giorgio. **O Homem sem conteúdo**. Tradução de Claudio Oliveira. Belo Horizonte. Editora Autêntica. 2012.

BERGER, P. LUCKMANN, T. **A Construção da realidade social**. Petrópolis: Vozes, 1985.



CARVALHO, I. C. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil.** 2ª edição. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

_____. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008. GONÇALVES, C. W. P. Os (des)caminhos do meio ambiente. 15ª edição. São Paulo. Editora: Contexto, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Tradução de Ephaim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ. Vozes. 1994.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX.** Rio de Janeiro Editora UFRJ. 2002.

CYRULNIK, Boris. **Falar de Amor à beira do abismo.** Tradução: Claude Berliner. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2006.

FOUCAULT, Michel. **Historia da Sexualidade.** 3ª edição. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1997. (p.vii-xviii; 41-58; p. 225-230).

LEFF, E. **Discursos sustentáveis.** São Paulo: Editora. Cortez, 2010.

_____. **Saber ambiental.** 8ª edição. Petrópolis. Editora: Vozes, 2011.

LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. (Org.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania.** 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2011. LOUREIRO, C. F. Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política. São Paulo. Cortez. 2012.

DA MATTA, Roberto. **A Casa e a Rua: Espaço e cidadania, mulher e morte no Brasil.** Rio de Janeiro. Cortez. 1978.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social.** Rio de Janeiro, Editora: Fundação Getúlio Vargas. 2001.

GROSSI, Mirian. **Na busca do outro encontra-se a si mesmo.** In: Trabalhos de campo e subjetividades. Florianópolis. Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFSC. 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guarira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HAKIKI-TALAHITE, Fatiha. Por uma problemática do processo de trabalho doméstico. In: KARTCHEVSKY, Bulport A. *et al.* **O sexo do trabalho.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LATOUR, Bruno. **Crise: a proliferação dos híbridos.** In Jamais fomos Moderno. Cardenos de Antropologia Simétrica. São Paulo: Editora 34. 2005.

Schall VT, Struchiner M. **Educação em saúde: novas perspectivas.** Caderno de Saúde Publica 1999; 15 (Supl.2).



**Educação como (re)Existência:
mudanças, conscientização e
conhecimentos.**

15, 16 e 17 de outubro de 2020

Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso - Maceió-AL